

**IMORTAIS DA ACADEMIA**  
**EPISÓDIO 18 – UM LUGAR PARA O CHAI**

**01:00:17:10**

**ABERTURA**

**01:00:22:15**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,  
Arte e ciência, pensamento e memória,  
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.  
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.  
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,  
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:02:16**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:24:14**

**Arnaldo Niskier - Atual ocupante da cadeira 18**

Palavra é chayim, quer dizer vida. Hayim, mas precisamente hayim, quer dizer vida. Então vida é tudo, e você vê que eu entrei para a academia na cadeira 18. Em hebraico os números significam palavras também. 18 é hayim, é vida. Então foi engraçado uma vez eu fui receber uma homenagem na Manchete, o Adolpho Bloch resolveu fazer um almoço em minha homenagem, e lá estavam alguns rabinos de São Paulo que o Adolpho havia convidado para almoçar também. Aí ele disse para um rabino mais velho, barbudo – “Olha rabino, que coincidência. O Arnaldo, que é judeu, entrou para a cadeira 18, hayim.” Aí o rabino olhou para o céu, pra cima e disse assim: “Para Deus não há coincidência.”

**01:02:28:23**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 18: Um lugar para o chai**

**01:01:37:05**

**Arnaldo Niskier – Atual ocupante da cadeira 18**

Eu fui um bom ponta esquerda. No juvenil do América. Eu joguei futebol de campo. Era treinado pelo “Seu” Freitas, e foi um grande treinador. Foi treinador do Zagallo, do Manfredo, do Jorginho Caveira, que era goleiro. Jogadores que andaram por aí, em alguns clubes do Rio de Janeiro. O Zagallo, na Seleção Brasileira, campeão do mundo. Mas o problema é que o treino de futebol era dia de semana à tarde. Então eu treinei um vez, duas vezes, três vezes, e depois o Augusto Rodrigues, que era o chefe de esportes da Manchete Esportiva, ele era muito meu amigo, mas ele me chamou e disse: “Você tem que fazer a escolha. Ou você vai ser jogador de futebol ou você vai ser jornalista esportivo.” Então eu tive que optar. Passei a praticar esportes só à noite. Aí, basquete, vôlei. Basquete eu fui campeão carioca pelo Clube Municipal em 1957. E depois eu fiquei noivo. Aí, outra opção na minha vida. Ou eu casava, ou ia ser atleta de basquetebol. Eu preferi casar. Eu trabalhei na Manchete Esportiva 3 anos, depois eu dirigi a revista *Sétimo Céu* durante 2 anos. Na revista *Sétimo Céu* eu criei a fotonovela brasileira. E a primeira novela que nós fizemos fotonovela era *Adelaide Simon não quis matar*. Era esse o título, com a Anilza Leoni no papel principal. E você sabe que a revista, eu peguei com seis mil exemplares de tiragem, e deixei com cento e cinquenta mil. Foi quando me chamaram para ser chefe de reportagem da Manchete, em

janeiro de 1960. Entre a chefia de reportagem e a direção de jornalismo da empresa toda passaram-se 18 anos. Então se eu durei esse tempo todo é porque deu certo, vamos chamar assim.

**01:05:10:16**

**OFF**

“Cada vez que passo ali em frente, a caminho da Academia Brasileira de Letras (...), sinto um nó na garganta. Afinal, trabalhei nas Empresas Bloch durante quase quarenta anos, colaborando, modestamente, na construção daquele império. E, quase sempre, a simples visão daquele prédio majestoso me transporta, numa espécie de flashback cinematográfico, para as cenas de um passado remoto, quando tinha um trabalho temporário nas tardes/noites de domingo (...)”

*Memórias de um sobrevivente*

Arnaldo Niskier

**01:05:50:12**

**Arnaldo Niskier – Atual ocupante da cadeira 18**

Mas há um rito de passagem que é o magistério. Eu sempre quis ser professor. Influência do meu irmão mais velho, que era professor do Mackenzie, de São Paulo. E eu fiz o curso de matemática, lecionei geometria analítica durante sete anos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. E depois eu fui aconselhado a passar pro campo da pedagogia, pelo professor Francisco Alcântara Gomes Filho, diretor da Faculdade de Educação. Ele disse: “Você devia passar para a educação. Os catedráticos estão envelhecendo. Haverá uma chance para você ter uma carreira mais rápida na pedagogia.” E eu passei. Então, o jornalismo e o magistério, eles correram em paralelo na minha vida, e sempre com a mesma devoção, o mesmo cuidado, o mesmo carinho. Acho até que tem coisas que são, não digo semelhante, mas elas se identificam, elas se encaixam.

**01:07:03:14**

**José Nêumanne – Jornalista e escritor**

Arnaldo Niskier é um educador. Como educador o Arnaldo Niskier tem uma obra que se estende pelo Brasil inteiro. Essa obra, ele de certa forma, conecta com a Academia, e dá a Academia Brasileira de Letras uma certa natureza educativa e didática. Ele pertence a geração da Manchete, e ele é um dos pilares da grande importância que a Manchete teve na Academia. Uma geração toda que entrou na Academia e que, praticamente, deixou uma obra, que tem alguma coisa haver com Adolfo Bloch.

**01:07:46:06**

**OFF**

Assim como Niskier conciliou jornalismo e magistério com êxito, também seu antecessor, Peregrino Júnior, soube aliar a atuação em distintas esferas.

Neste caso, foram a literatura e a medicina as áreas combinadas por este escritor que elegeu a Amazônia como foco principal.

**01:08:15:07**

**Camila do Vale – Doutora em Letras**

Que homem fraco sou eu

O desejo de retorno a infância

É uma confissão de fraqueza

Um anseio de regressão.

*Sombra e Luz na Amazônia*  
Peregrino Junior

Esse fracasso da literatura, mais uma vez uma confissão de que o fracasso e a fraqueza fundam a literatura. Ele reúne, Peregrino Júnior, essa formação científica, médica. Uma preocupação com a educação, porque ele também tem textos sobre a educação, sobre políticas públicas. E assim como outros intelectuais de seu tempo, ele pensava que todas essas preocupações, e todo esse estudo da ciência, poderia desembocar numa obra literária. Então ele reúne todos esses ingredientes para construir a obra dele. Então, o médico também está presente na obra dele. Na “Mata submersa”, por exemplo, ele diz, o narrador diz “Eu não sou médico mas, eu fui contratado como médico num barco, numa embarcação, que vai percorrer a Amazônia, até Iquitos, no Peru.” E aí ele fala: “Mas eu não sou médico, eu sou farmacêutico.” Isso é o narrador. O narrador diz isso. Então é o saber médico. Não é um médico, mas é o saber médico que está ali presente, e olhando, não só presente, mas é o olhar desse saber médico que está olhando aqueles povos todos, que estão nas margens, e que estão dentro do barco, junto com ele. Principalmente os de terceira classe. E o narrador se identifica com esse de terceira classe, porque ele também viaja na terceira classe. Então, é o médico, é esse olhar médico, é esse olhar científico, que ele está voltando para esses povos da Amazônia. Embora com esse olhar cientificista, biologicista, ainda do início do século.

**01:09:58:06**

**OFF**

“Os caboclos, acorados no portal ou sentados pelos cantos da casa, ‘faziam quarto’ ao moribundo. Uma vez por outra, o café corria a roda. O silêncio misterioso das solidões amazônicas apagava os ruídos tristes da casa humilde. De quando em vez, a dor de um gemido arquejante dava balanços monótonos na rede do moribundo. Não havia mais dúvida: Zeferino ia mesmo desta pra melhor.”

*O Espritado*

Peregrino Júnior

**01:10:36:15**

**Camila do Vale – Doutora em Letras**

Peregrino Júnior ele se coloca como esse narrador, esse narrador com esse olhar da ciência, como alguém que foi formado num grande centro da Amazônia, que era Belém. Então, o narrador tem uma trajetória parecida com a dele, Peregrino Júnior também, que também viveu em Belém, que também viveu na Amazônia. Mas a gente não faria jus ao Peregrino Júnior se não dissesse que ele também tem uma preocupação de registrar os saberes locais. Porque quando ele fala de puçanga, e ele faz uma novela chamada “Puçanga”, ele está preocupado com os saberes dos pajés. Ele reconhece um saber ali, ele reconhece um conhecimento tradicional ali. Ele tem esse reconhecimento. Embora claro, ele ache que esse conhecimento tradicional vai ser julgado pelo cientista. O lugar de julgamento, do valor desse saber, é o lugar da ciência. Mas ele respeita muito. Tanto respeita que isso está presente. É interessante pensar que Peregrino Júnior é parte da Academia Brasileira de Letras, é membro da Academia Brasileira de Letras, que teve muitos livros sobre a Amazônia, e no entanto ele não figura nas ementas, nos cursos de letras. Mas eu acho que esse não figurar na ementas e nos cursos de letras regularmente, faz parte de uma visão mais geral da história da literatura brasileira, de não olhar para a Amazônia. Não tem que ver com qualidade literária. Ele correspondia a, digamos, a qualidade literária, e estava em diálogo com as vertentes da estéticas todas de seu tempo. Não se trata disso, não acho que se trata disso. Eu acho que se trata de um interesse, que é um interesse que não se via expresso nem nos leitores. Os leitores estão

nos grandes centros, em geral. E uma crença num Brasil que é um Brasil desenvolvimentista, do progresso, e que olhava pra Amazônia com esse olhar como se a Amazônia fosse algo primitivo, a ser superado, aquela condição de vida.

**01:12:44:14**

**OFF**

“Mas a verdade é que aquela terra e aquela gente ficaram comigo, numa espécie de impregnação emocional, para o resto da vida – nos olhos, na memória, no coração.”

*A Mata Submersa*

Peregrino Júnior

**01:13:04:02**

VINHETA – Estamos apresentando  
Imortais da Academia

**01:13:22:13**

VINHETA – Voltamos apresentar  
Imortais da Academia

**01:13:30:11**

**OFF**

A cadeira dezoito tem como fundador um aguerrido defensor da literatura nacional. José Veríssimo, além de um dos mais ativos idealizadores da ABL, foi dono de uma voz muito própria na crítica literária.

**01:13:49:02**

**REGINA ZIBERMAN – Escritora e professora**

O José Veríssimo é importante por vários, vários fatores. O primeiro deles é realmente o exercício da crítica. Ele foi excelente, um crítico muito sutil, muito perspicaz, e que não se deixou levar como muitos dos seus contemporâneos por modas literárias. Quer dizer, ele parte da obra do texto pra sua interpretação. O que é muito moderno. É o que se faz no Brasil, passou a se fazer à partir dos anos cinquenta, sessenta em todo mundo, e portanto no Brasil. Então esse é o primeiro aspecto. Como crítico ele é muito, vamos dizer assim, ele tem muito mais traquejo. Ele tem muito mais o talento do leitor, que qualquer outro da sua época. Segundo lugar, ele foi um divulgador, um difusor de literatura. Ele fez a revista “Brazileira”, ele veio do Pará, ele fez a revista “Brazileira” no Rio de Janeiro. Conseguiu congregar vários intelectuais em torno dessa revista. Tornou esse periódico uma referência pra todos os que liam e estudavam, e isso foi muito importante, e colaborou inclusive para a fundação da Academia, que naquele momento era uma instituição bastante modesta, mas que tinha esse papel agregador pra geração que queria se profissionalizar como escritor. Ele também era um homem interessado em problemas nacionais. Problemas literários, ele escreveu uma estória da literatura que até hoje pode ser lida, estudada com tranquilidade. Ele escreveu um livro muito importante em 1906, sobre a educação nacional, que ele discute todos os problemas do ensino, o que deveria se fazer, como valorizar o professor, dar mais espaço para as mulheres na área da educação. Então, é um camarada antenado nos problemas, né? Não é um crítico de gabinete. E eu acho que tem um último aspecto, ele é um grande leitor de Machado de Assis. O grande intérprete. Leitor nesse sentido, do grande intérprete de Machado de Assis, quando Machado

era vivo. Porque depois fica fácil. Mas quando o Machado ainda era um autor na busca do seu espaço, claro, já com algum reconhecimento, foi José Veríssimo que escreveu a melhor crítica, a melhor interpretação, a melhor produção sobre aquele que era o escritor definitivo do final do século dezanove, início do século vinte no Brasil.

José Veríssimo – Fundador da Cadeira 18

**01:16:11:04**

**OFF**

“Com a variedade de temas, de enredos de ações, de episódios, que distinguem cada romance de Machado de Assis no conjunto de sua obra, há em todos uma rara unidade de inspiração, de pensamento e de expressão. Todos, porém, representam, talvez com demasiado propósito, mas sem excesso de demonstração, a tolice e a malícia humanas. É este o tema geral, e ao mesmo tempo o duende, o espantalho do escritor.”

*História da Literatura Brasileira*

José Veríssimo

**01:16:51:11**

**OFF**

José Veríssimo, ao inaugurar a cadeira 18, completa a sequência de postos ocupados pela famosa “trindade crítica da era naturalista” na ABL.

Nas cadeiras precedentes, 16 e 17, sentaram Araripe Júnior e Sílvio Romero.

Mas, ainda que estivessem lado a lado na academia, na crítica literária pouco se alinhavam.

**01:17:24:12**

**REGINA ZIBERMAN – Escritora e professora**

A crítica literária brasileira ela vai, vamos dizer assim, ela vai adquirir uma certa identidade, uma certa consistência já no período republicano, depois de 1890. Até então, escritores escreviam em jornais, alguns críticos se manifestavam, mas não era uma coisa profissional, não era uma coisa que desse, vamos dizer assim, que desse alguma visibilidade a um grupo profissional, desse alguma visibilidade a uma atividade de pensar a literatura. Isso vai se modificar a partir do naturalismo, a partir de uma, a gente chama naturalismo, mas nem todos eram naturalistas, mas a partir do momento em que nós vamos ter, eu diria ali por volta de 1880, uma consolidação, uma maior consistência da imprensa no Rio de Janeiro, principalmente, e de um ensino acadêmico. Não um universidade, mas um ensino superior, em vários locais. Então essas pessoas podiam ter uma certa formação, o Sílvio Romero por exemplo, estudou lá no Recife. O José Veríssimo foi professor no Pará. Então eles tinham uma certa formação profissional mais consistente. Daí aparecerem esses três nomes mais, vamos dizer assim, mais atuantes: Araripe, Romero e Veríssimo, eram os três. Mas eles não tinham muita afinidade entre si. A gente coloca os três, vamos dizer assim, num mesmo espaço de interpretação, mas cada um tinha as suas particularidades. O Sílvio Romero por exemplo, era um autor mais focado numa metodologia sociológica. Ele achava que fazia sociologia da literatura, e vinha com uma formação da escola de Recife, da filosofia Tobias Barreto, do darwinismo, do determinismo, coisas assim. Ele sempre procurava interpretar a literatura a partir daquilo que ela recebia de insumos do meio. A literatura é assim porque a sociedade é assim. O Araripe Júnior tão pouco pode aproximar disso, mas ele já tem algumas peculiaridades, ele procura interpretar os autores mais do que as tendências da literatura. E o José Veríssimo em outra característica que é essa preocupação em procurar entender como o texto se constrói, como uma obra está construída, quais são

os elementos relativos aos personagens, a coerência no tratamento da trama, e assim por diante. Ele até faz uma interpretação histórica na *História da Literatura Brasileira*, mas a preocupação dele é realmente com a construção da obra, fora de uma metodologia que saia, que não tenha haver com a tradição literária. Quando muito ele vai apelar a Aristóteles, Bolous, esses autores que fazem artes poéticas. Que pensam a poética da obra, a construção da obra. Enquanto que os demais eles estão, vamos assim, ainda imbuídos ou bastante imbuídos desses elementos da sociologia e da psicologia, que no final do século dezenove era fortíssimo, era fortíssimo. Depois a psicanálise vai aparecer, vai atenuar um pouco, mas entre os nossos intelectuais do final do século dezenove isso é muito evidente, e poucos ficaram de fora. José Veríssimo é um dos que ficou de fora, Machado outro. Mas a maioria ia nessa grande onda sociológica

Silvio Romero – Fundador da Cadeira 17

Araripe Junior – Fundador da Cadeira 16

**01:20:53:05**

**OFF**

José veríssimo, ao inaugurar a cadeira 18, completa a sequência de postos da ABL ocupados pela famosa “trindade crítica da era naturalista”.

Nas cadeiras precedentes, 16 e 17, sentaram Araripe Júnior e Sílvio Romero.

Mas, ainda que estivessem lado a lado na academia, na crítica literária pouco se alinhavam.

José Veríssimo e Arnaldo Niskier dedicaram, ambos, especial atenção à educação.

Niskier, além do magistério, ainda ocupou-se longamente da escrita para crianças.

**01:21:09:27**

**Ninfa Parreiras – Psicanalista e escritora**

Em primeiro lugar o Arnaldo tem toda uma experiência com o estudo, com a pesquisa e com a prática da educação. A obra dele sobre educação é da mais alta importância. E ao mesmo tempo nessa década de oitenta, do século passado, quando ele publica os primeiros livros, e uma série principalmente também, uma série que era da Editora Melhoramentos, ele está num momento brasileiro que era um momento muito propício pra esse tipo de produção. Então ele, também assim, estava junto com outros autores que estavam publicando para crianças e que a literatura infantil brasileira, ela estava assim, à todo o vapor, vamos dizer assim. As escolas fazendo adoções de livros, e os livros do Arnaldo são muito bem, bem-vindos para as escolas. Justamente por ele trabalhar essas questões voltadas para o lado educacional. Então isso é importante para as escolas trabalharem. E ele surge justo nesse momento, surge como um autor de literatura infantil, então num cenário que é bastante propício pra produção dele. Ele tem uma obra que é bastante significativa, constituída de contos, contos em que ele também entra com poemas, com versos, em que ele utiliza animais como personagens, principalmente, e quando ele coloca os animais, ele faz essa denúncia. E é uma denúncia anterior, por exemplo, à realização daquela conferência da ECO, aqui no Rio, que depois da realização da conferência várias editoras, autores, se debruçaram sobre essa questão. E na verdade o Arnaldo, ele antecipa isso. A obra dele vai antecipar o desenvolvimento dessa produção literária para crianças com o viés marcadamente ambiental.

**01:23:20:08**

**OFF**

“Entre árvores frondosas, em local superfresco, vivem os heróis desta história, os micos-leões-de-caradourada. Eles apreciam a Mata Atlântica, hoje ameaçada de extinção pelas queimadas sucessivas

provocadas pelo homem. Os nossos amigos sabem que, se morre a mata, como poderão sobreviver? Por isso, pediram a convocação de uma reunião com o mico Pajé, para discutir o seu futuro.”

*O dia em que o mico-leão chorou*

Arnaldo Niskier

**01:23:53:21**

**Arnaldo Niskier – Atual ocupante da cadeira 18**

Muita gente estranha, né? “Mas como é que pode? Como é que ele escreve tanto?” Escrevendo. Eu escrevo dia sim dia não, praticamente todos os dias. Eu gosto de escrever, tenho um prazer muito grande. Gosto de máquina de escrever. O computador ainda me inibe, porque eu fico mais lento no computador. Eu escrevo no computador, sobretudo prefácio. “Mas porque você escreve prefácio no computador e não escreve crônica no computador?” Porque crônica eu gosto muito de fazer e prefácio eu detesto. Então eu vou pro computador sobre protesto, e escrevo no computador. Mas é, realmente eu gosto muito de escrever à máquina. Me sinto bem. Aquela batida me faz bem. E a velocidade que eu ganho na máquina de escrever é insuperável. É uma característica de um estilo e uma época que a gente viveu.

Arnaldo Niskier

Posse em 1984

## **VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 18

Patrono – João Francisco Lisboa

Fundador – José Veríssimo

Barão Homem de Mello

Alberto Faria

Luís Carlos

Pereira da Silva

Peregrino Júnior

Atual – Arnaldo Niskier